

Editorial

“A Ciência na História: construindo e desconstruindo fronteiras”

A população brasileira – e não só – consome hoje toneladas de informação diárias sobre ciência, tecnologia, saúde e ambiente. As novas mídias, como YouTube e WhatsApp, viabilizaram uma circulação massiva de conteúdos que respondem e produzem as preocupações do momento. Aquecimento global, financiamento acadêmico, infecções virais, alimentação saudável, medicina alternativa e uma profusão de outros temas aparecem nas vozes de especialistas, divulgadores, leigos e polemistas.

No meio dessa multidão de fatos, narrativas e controvérsias, verdade e autoridade científica são alguns conceitos postos à prova. O que distingue a ciência de outros saberes? Ou quem o faz? O que ela é ou deveria ser? Qual o seu lugar na sociedade? Quais seus legítimos valores, métodos, assuntos e agentes? Para responder essas e outras questões em perspectiva história, esta 31ª edição da *Temporalidades*, revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, traz o dossiê temático “A ciência na História: construindo e desconstruindo fronteiras”.

Agradecemos aos autores que contribuíram com artigos para a composição do dossiê e agradecemos ao Prof. Dr. Gustavo Rodrigues Rocha pela instigante apresentação da seção temática. Agradecemos também aos professores doutores Ronald L. Numbers, Maria da Glória Oliveira e Bernardo Jefferson de Oliveira pelas excelentes entrevistas que nos concederam, também acerca do tema especial desta edição.

Finalmente, agradecemos aos autores que contribuíram com a seção de Artigos Livres:

Recorrendo a documentos epistolares, Waleska Sheila Gaspar oferece em “Memórias construídas: a Revolta Federalista e da Armada na correspondência de Santa-Anna Nery a Floriano Peixoto (França-Brasil, 1894)” uma análise da repercussão internacional dos conflitos civis dos primeiros anos da República Brasileira.

Em “Possibilidades do sublime em Walter de Maria (1968-1977)”, Ana Lúcia Guimarães propõe uma aproximação da produção artística do californiano Walter de Maria com as investigações filosóficas de Edmund Burke e Immanuel Kant acerca do belo e do sublime.

Servindo-se da noção de “campo político” e outros conceitos da História Política, Gustavo Henrique Kunsler Guimarães, examina no artigo “O ingresso de Siegfried Heuser na política” a trajetória do político gaúcho, buscando compreender sua jornada de economista a deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

O artigo “Abordagem da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985) na segunda edição do livro didático *História em Movimento*”, de Rafael Fiedoruk Quinzani e José Iran Ribeiro, propõe uma análise das narrativas do passado presentes na obra, colocando em discussão a visão fatalista do Golpe de 64, a divisão entre “linha-dura” e “moderados” e as diferentes concepções de democracia em jogo no período.

O artigo conjunto de “Isadora Moreira Ribeiro, Sheila Maria Doula, Marco Paulo Andrade, João Paulo Louzada Vieira e Jeferson Henrique dos Reis Lopes”, “Memórias de migrantes rurais da Zona da Mata Mineira” parte de doze entrevistas para analisar narrativas de migrantes rurais da Zona da Mata mineira, considerando aspectos relacionados a memória, temporalidades e à relação campo-cidade.

Em “Surrealismo: gênese de uma leitura revolucionária”, Thayná Alves Rocha propõe uma aproximação do movimento surrealista francês dos anos 1920, sobretudo em sua expressão literária, com a produção teórica de Karl Marx e Leon Trotsky. O artigo reflete ainda sobre a prática literária e seus impactos nas trajetórias individuais e coletivas.

Partindo de um levantamento bibliográfico da produção acadêmica acerca da progressão do conhecimento histórico, “Progressão do conhecimento histórico: um olhar sobre a produção brasileira (2014-2019)”, de Matheus Oliveira da Silva, constata a escassez de reflexões nacionais sobre o tema e propõe maior diálogo entre a Teoria da História e as teorias da aprendizagem.

Francisco Américo Martins Moraes, em “Quando a espada ‘corta’ a pena: censura moral no romance Terra Encharcada, de Jarbas Passarinho”, oferece um estudo cuidadoso da única obra de ficção de Jarbas Passarinho, então ministro do governo Costa e Silva, analisando a atuação da censura sobretudo sobre o tema da homoafetividade presente no livro.

Em “O Muro de Berlim: símbolo maior da Guerra Fria”: Charles Sidarta Machado Domingos, Laura Martins de Lima e Rafaela Gulgelmin Collovini aproveitam a ocasião do 30º aniversário da queda do Muro de Berlim para oferecer uma análise do posicionamento brasileiro acerca do evento, conforme registrado pela grande imprensa.

Considerando experiências de classe, gênero e origem, “De onde eu venho, qual o meu passado e o que eu quero para o meu futuro? Memórias e identidades de Luíza Erundina de Sousa (1934 -)” traz as contribuições de Roger Camacho Barrero Junior para uma compreensão da trajetória da atual deputada federal e ex-prefeita de São Paulo, Luíza Erundina.

“Assim na terra como no mar: as relações raciais ilustradas no Bom Crioulo de Adolfo Caminha (1895)”, artigo de Vinicius Barbosa Lima, analisa as representações o sujeito negro no romance *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. O estudo relaciona a ideia de progresso, o cientificismo e o republicanismo à discussão da situação social da população negra no período.

No artigo “A cidade de Buenos Aires e a construção da hegemonia *porteña*: algumas notas historiográficas”, Felipe de Melo Alvarenga estuda a relação entre a cidade de Buenos Aires e as demais províncias argentinas, propondo uma genealogia da posição de destaque da atual capital do país.

Em “O intelectual da Idade Média Central: escolástico, urbano, universitário e humanizado – uma aproximação histórica dos estudos no século XIII”, Bruno Alves Coelho explora a esfera intelectual do ocidente medieval, atentando-se para as condições e métodos de aprendizagem e ensino escolásticos, dentro e fora das salas de aula.

Em “O ensino cívico através do livro Contos Cívicos de Theobaldo Miranda Santos”, Aline Aparecida Pauloski Alenski e Ernando Brito Gonçalves Junior analisam a obra do autor fluminense, examinando sua construção de personagens históricas e iluminando a dimensão política dos livros didáticos, em geral.

“Quando no Oeste construía-se uma Nação: os Povos Indígenas e a formulação de novos projetos nacionais (1937-1948)” apresenta as contribuições de Thays Fregolent de Almeida para se compreender as relações entre a “Marcha para o Oeste” e o projeto nacional do Estado Novo, com ênfase nas questões relativas às políticas indigenistas de então.

Excelente leitura e reflexão a todos,

Henrique Rodrigues Caldeira e Laura Jamal Caixeta